



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
JORNALISMO EM MULTIMEIOS**

FLÁVIO EMANUEL INOCÊNCIO FREIRE

TRUKÁ: A FORÇA DA RESISTÊNCIA NA CAATINGA GRANDE

**JUAZEIRO (BA)
2025**

Flávio Emanuel Inocência Freire

TRUKÁ: A FORÇA DA RESISTÊNCIA NA CAATINGA GRANDE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas - Campus III, como pré-requisito básico para a conclusão do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, sob a orientação do(a) Prof. Dr. Fábio Ronaldo da Silva.


**JUAZEIRO (BA)
2025**

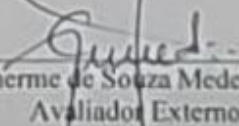
FLÁVIO EMANUEL INOCÊNCIO FREIRE
TRUKÁ: A FORÇA DA RESISTÊNCIA NA CAATINGA GRANDE

DATA DA APRESENTAÇÃO: 19/12/2025

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Fábio Ronaldo da Silva (UNEB)
Orientador


Prof. Dr. Geilson Fernandes de Oliveira (UNEB)
Avaliador


Prof. Dr. Guilherme de Souza Medeiros (UNIVASF)
Avaliador Externo

Dedico este TCC ao meu povo Truká, aos que vieram antes de mim e abriram caminho mesmo quando o mundo insistia em negar nossa existência. Aos meus avós, às mulheres que sustentaram a vida nos dias mais duros, aos guerreiros e guerreiras que retomaram a terra com coragem e fé. Este trabalho é para todos que me ensinaram que ser Truká é carregar memória, território e encantamento dentro do peito.

Agradecimentos:

É curioso pensar que cheguei até aqui. Quando entrei na universidade, foi quase por acaso como brinquei no meu primeiro dia, “entrei de paraquedas”. Jornalismo nunca foi um sonho planejado, mas a UNEB, as pessoas que a constroem e a cidade de Juazeiro me acolheram de tal forma que, sem perceber, encontrei meu lugar.

Agradeço primeiramente a Deus, pela força silenciosa que me acompanhou em cada etapa desta caminhada. A painho e mainha, Fabrício Freire e Elielma Freire, meu porto seguro, que sempre acreditaram em mim, mesmo nos dias em que eu desacreditava. À vizinha Maria, à vizinha Santa (*in memoriam*), ao vovô João Grilo (*in memoriam*) e ao vizinho Miguel (*in memoriam*), pilares da minha criação e das minhas memórias mais afetivas.

À tia Eliete, uma das Marias da minha vida, que significa mais do que qualquer agradecimento pode expressar. E a todas as minhas tias, com carinho especial para Tia Lúcia, Tia Nininha, Tia Cida e Tia Lourdes. À minha irmã Yasmim e aos meus primos-irmãos: Ramilly, Amanda, Mira, Emilly, Beatriz, Felipe, Pedro, Raiqui, Ramon, Ruth e Raquel. E aos amigos de infância, Marquinhos, Micael e Mateus, que permanecem como parte da minha história até hoje.

Meu reconhecimento especial vai ao meu orientador, professor Fábio Ronaldo da Silva. Antes do pré-projeto, eu o conhecia apenas de uma disciplina; hoje, é uma das presenças mais importantes desta conquista. Sua orientação generosa, paciente e comprometida fez crescer não só este trabalho, mas também quem eu sou enquanto estudante e profissional.

Agradeço também a Carla Paiva e Geilson Fernandes, que acompanharam meu pré-projeto, e a todos os professores e professoras do curso, que contribuíram com cada passo dessa trajetória. À professora Márcia Guena e à professora Ceres Santos, minhas primeiras orientadoras do Afirmativa, deixo minha gratidão. Ao professor Geilson, o famoso GG, agradeço duplamente: pelos caminhos acadêmicos que abriu e pela paciência constante nos últimos anos.

À Universidade do Estado da Bahia, agradeço pela estrutura e, principalmente, pelo trabalho de todos os que mantêm o ensino público vivo, dos gestores distantes aos funcionários que fazem o cotidiano acontecer.

Aos colegas da turma 2019.2, minha gratidão pelo companheirismo, pelas conversas, pelas tardes estendidas, pelas noites improvisadas, pelas risadas e até pelas fofocas que se tornaram respiro em meio ao caos.

À galera dos *ervejetarianos*, João, Glicia, Luiz, Guilherme Passos, Guilherme Leite, Luan, Clara, Otávio, Marcos, Gabriel e Jedi, obrigado por tantos encontros, por tanta partilha e pelos momentos que tornaram a jornada mais leve.

Por fim, agradeço às amizades construídas no bar de Galego, ao próprio Galego, Dadá, Jorginho, Tani, Leia, Glicia, Harry, Mano, Alaor e tantos outros. Ali, entre uma conversa e outra, aprendi que universidade também é afeto, convivência e comunidade.

Concluir este TCC é olhar para trás e perceber que nada foi por acaso. Cada pessoa, cada gesto de apoio, cada conversa e cada desafio ajudou a construir o caminho que trilhei. Se hoje chego ao fim deste ciclo, é porque muitas mãos me sustentaram. E levo comigo a certeza de que esta conquista não é só minha, é nossa.

“A mãe do Brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho de seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Sua raiz vem daqui, do povo ancestral que veste uma história, que escreve na pele sua cultura, suas preces e suas lutas. Nunca vou entender o nacionalismo estrangeiro que muitas pessoas têm. Nós somos um país rico, diverso e guerreiro, mas um país que mata o seu povo originário e aqueles que construíram uma nação, que ainda marginaliza povos que já foram escravizados e seguem tentando se recuperar dos danos. O indígena não é aquele que você conhece dos antigos livros de história, porque não foi ele que escreveu o livro, então nem sempre a sua versão é contada. Ele não está apenas na aldeia tentando sobreviver, ele está na cidade, na universidade, no mercado de trabalho, na arte, na televisão, porque o Brasil todo é terra indígena. Sabe aquela história de que ‘sua bisavó foi pega no laço?’ Isso quer dizer que talvez seu bisavô tenha sido um sequestrador, então acho que você deveria ter mais orgulho do sangue indígena que corre em suas veias. A mãe do Brasil é indígena”.

Myrian Krexu.

RESUMO

O livro-reportagem *Truká: a força da resistência na Caatinga Grande* analisa a retomada da Aldeia Caatinga Grande, em Cabrobó (PE), compreendendo-a como ato de resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural do povo indígena Truká. A pesquisa, guiada pela perspectiva de um pesquisador indígena e fundamentada na abordagem qualitativa e decolonial, articula entrevistas com cinco lideranças do território, além de pesquisa documental, bibliográfica e etno-histórica. O produto final adota elementos multimodais como texto, fotografias, links e QR codes que redirecionam para linhas de toré, ampliando o acesso a esses registros sonoros e permitindo que quem ler o trabalho entenda a relação entre o texto e as expressões ritualísticas que sustentam nossa organização social e política. A obra reposiciona as vozes indígenas como protagonistas de sua própria narrativa, confronta silenciamentos históricos impostos aos povos indígenas do Nordeste e reafirma o território como espaço sagrado, vivo e ancestral. Assim, contribui para o fortalecimento de um jornalismo decolonial e para a ampliação da visibilidade das lutas indígenas no Sertão do São Francisco.

Palavras-chave: Retomada; Truká; Livro-reportagem; Conflitos; Decolonialidade.

ABSTRACT

Keywords: The investigative journalism book *The Truká: The Strength of Resistance in the Caatinga Grande* analyzes the land reclamation of the Caatinga Grande Village in Cabrobó (PE), understanding it as an act of resistance, identity reconstruction, and cultural affirmation of the Truká Indigenous people. The research, guided by the perspective of an Indigenous researcher and grounded in a qualitative and decolonial approach, brings together interviews with five leaders from the territory, as well as documentary, bibliographic, and ethno-historical research. The final product adopts multimodal elements such as photographs, links, and QR codes that redirect readers to toré chant recordings, expanding access to these sound materials and enabling them to understand the relationship between the written text and the ritual expressions that sustain our social and political organization. The work repositions Indigenous voices as protagonists of their own narrative, confronts the historical silencing imposed on Indigenous peoples of the Northeast, and reaffirms the territory as a sacred, living, and ancestral space. In doing so, it contributes to the strengthening of decolonial journalism and to expanding the visibility of Indigenous struggles in the São Francisco Sertão do São Francisco region.

Keywords: Resumption; Decoloniality; Truká; Conflicts.

QUADROS E TABELAS

Quadro 1. Perfil das fontes entrevistadas

SUMÁRIO

1.	11	
2.	JUSTIFICATIVA	14
3.	OBJETIVOS	16
4.	REFERENCIAL TEÓRICO	17
4.1	Decolonialidade e epistemologias indígenas	17
4.2	Povos indígenas do Nordeste: resistência, reemergência e territorialidade	19
4.3	O Povo Truká: Identidade, Espiritualidade e Retomada Territorial	22
4.4	O livro-reportagem como instrumento de memória e resistência	24
5.	CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
6.	ELABORAÇÃO DO PRODUTO	31
7.	O PRODUTO	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
	ENTREVISTAS	46

1. INTRODUÇÃO

A presença indígena no Nordeste brasileiro foi, durante muito tempo, invisibilizada ou reduzida pela historiografia oficial. Desde o período colonial, diferentes povos resistiram às violências impostas pelo avanço da colonização, buscando garantir sua sobrevivência e preservar seus modos de vida. A obra clássica de Estêvão Pinto (1938), que analisou a organização social e cultural dos povos indígenas da região, já apontava a complexidade das relações entre grupos como os cariris, gês e tupis¹, demonstrando que as populações originárias possuíam modos próprios de organização política, econômica e cultural, frequentemente desconsiderados pelos cronistas coloniais.

Essa marginalização discursiva contribuiu para a construção de uma visão estereotipada sobre os indígenas nordestinos, que por décadas foram retratados como povos “residuais” ou “em vias de desaparecimento”, quando, na realidade, mantiveram práticas culturais, vínculos territoriais e formas de resistência ativas. A pesquisa da Antropologia e dos Estudos Etno-históricos tem permitido a revalorização dessas narrativas, demonstrando a vitalidade das comunidades indígenas nordestinas. No caso de Pernambuco, por exemplo, povos como os Truká, Tuxá e Pankararu se destacam pela luta em defesa do território e da identidade cultural, questionando visões que insistem em associar o sertão a um espaço homogêneo, exclusivamente marcado pela mestiçagem. Nesse sentido, compreender os processos de resistência indígena no Nordeste é também compreender a disputa pela memória e pelo reconhecimento histórico, o que confere relevância social e política ao estudo dessas trajetórias.

Entre os povos indígenas do Nordeste, os Truká, habitantes da Ilha da Assunção, em Cabrobó (PE), constituem um exemplo emblemático de resistência e reafirmação identitária. Após décadas de expropriação de suas terras, os povos empreenderam, a partir da segunda metade do século XX, um processo de retomada que culminou, já no início dos anos 2000, na reconquista do território insular. Esse processo, como apontam Pereira Truká, Florêncio

¹Os povos indígenas do Nordeste organizavam-se, segundo Estêvão Pinto, em três grandes grupos linguístico-culturais: os tupis, que ocupavam predominantemente o litoral; os gês, distribuídos pelo sertão; e os cariris, em grande parte circunscritos ao interior nordestino (embora algumas tribos cariris aparecessem intercaladas na faixa costeira). Dos três, apenas os cariris parecem ter sido exclusivos da área nordestina (Pinto, 1938). PINTO, Estêvão. Os indígenas do Nordeste. 2. tomo, 1938, p. 7–8

e Santos (2024), consolidou-se como um movimento de reafirmação identitária que articula dimensões políticas, culturais e sociais, fortalecendo a relação com a terra, os saberes tradicionais e o sentimento de pertencimento coletivo. Cristiano Santos (2022), em seu relato de experiência, destaca que a Ilha da Assunção não é apenas um espaço físico, mas um território sagrado para os Truká, associado a memórias familiares, práticas religiosas e tradições comunitárias. Pesquisas etnográficas, como a de Batista (2005), reforçam que a trajetória Truká é marcada pela constituição de formas próprias de liderança, que dialogam tanto com as tradições internas quanto com os atores externos, como a Funai, o Cimi e órgãos governamentais locais. Essa articulação política contribui para a consolidação do povo como sujeito coletivo de direitos, reforçando sua posição no cenário indígena nacional.

Há três décadas, o povo Truká também protagonizou a retomada da Aldeia Caatinga Grande, em Cabrobó, processo que se insere em um contexto de disputas fundiárias, apagamentos históricos e enfrentamentos com instituições do Estado e do mercado. Mais do que a reocupação de um espaço físico, trata-se de um ato que reinscreve no território a memória coletiva, a ancestralidade e os modos de vida historicamente silenciados, tornando-se símbolo não apenas da resistência Truká, mas da luta indígena no Sertão do São Francisco.

A compreensão desse processo exige atenção ao significado do território para os povos indígenas. Para os Truká, a terra é muito mais do que um espaço geográfico delimitado: ela é sagrada, viva e ancestral. Como defendem Beltrão, Xakriabá e Truká (2023), a terra indígena é patrimônio de inestimável valor, pois nela circulam a vida, os encantos, os saberes e as memórias que sustentam a identidade coletiva. Assim, a retomada territorial não pode ser dissociada das práticas culturais, espirituais e comunitárias que nela se atualizam, como os rituais do toré, a oralidade, o plantio, as celebrações coletivas e a relação com os encantados. É nesse sentido que a luta pela terra se converte, também, em luta pela continuidade da existência e pelo direito de sonhar, como lembra Krenak (2019).

Apesar da crescente visibilidade da temática indígena nos debates sociais e acadêmicos, observa-se que a presença do povo Truká permanece sub-representada no campo do Jornalismo e da Comunicação. Embora existam registros antropológicos e etnográficos relevantes (Batista, 2005; Florencio, 2020; Pereira; Santos, 2024), eles nem sempre dialogam com perspectivas mais recentes ligadas à decolonialidade. Nesse sentido, torna-se urgente ampliar os espaços para narrativas produzidas “de dentro”, que reconheçam os povos indígenas como protagonistas de sua própria história. Para o campo do Jornalismo e das Ciências Sociais aplicadas à comunicação, esse tema apresenta valor singular, pois evidencia a importância de práticas decoloniais na produção de narrativas sobre os povos

originários. Ao reconhecer que a história indígena, dos Truká, em específico, foi silenciada por séculos, esta pesquisa se propõe a construir um olhar que valoriza as vozes nativas e suas experiências, rompendo com paradigmas coloniais de representação.

Considerando esse contexto, o presente trabalho tem como objetivo compreender como a retomada da Aldeia Caatinga Grande se configura como um ato de resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural do povo Truká. O estudo parte da vivência direta do pesquisador enquanto indígena Truká e da compreensão de que a pesquisa acadêmica pode servir como instrumento para dar visibilidade às lutas e memórias de seu povo. O produto final foi a produção de um livro-reportagem, gênero híbrido que articula rigor investigativo e narrativa literária, valorizando experiências humanas e a profundidade contextual (Lima, 1993). A estrutura do livro *Truká: a força da resistência na Caatinga Grande* é organizada em sete capítulos, concebidos como mosaicos de vozes e perspectivas. Cada capítulo intercala relatos de lideranças, mulheres, jovens e anciãos Truká com análises sobre o contexto histórico, político e cultural da luta pela terra. Desse modo, a obra articula experiências individuais e coletivas para apresentar a complexidade, a memória e a força da resistência Truká. Nesse percurso, a escuta das vozes indígenas foi central, compondo uma narrativa plural que não apenas registra fatos, mas revela sentidos, memórias e estratégias de resistência.

Ao mesmo tempo, este memorial tem como finalidade sistematizar o percurso de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, refletindo sobre as escolhas teóricas e metodológicas que orientam a investigação. Está estruturado em três eixos principais: a trajetória formativa do pesquisador e as motivações que conduziram à escolha do tema; o percurso da pesquisa, com as referências bibliográficas, os aportes teóricos e as opções metodológicas; e, por fim, as reflexões críticas, em que se avaliam resultados, desafios e perspectivas futuras, tanto para a formação profissional quanto para a continuidade das pesquisas sobre o povo Truká. Dessa forma, o memorial não se restringe a um relato pessoal, mas consolida uma reflexão acadêmica e científica que se insere nos debates da Comunicação, Jornalismo, Antropologia e dos Estudos Decoloniais, reafirmando o compromisso ético e social da universidade com os povos originários.

2. JUSTIFICATIVA

Enquanto jovem indígena do povo Truká, este trabalho nasce não apenas de um compromisso acadêmico, mas, sobretudo, de um compromisso ancestral, político e afetivo com a história, o território e a coletividade a que pertencem. A pesquisa surge da vivência concreta das lutas pela retomada da Aldeia Caatinga Grande, situada no município de Cabrobó (PE), e da urgência em registrar, com legitimidade e respeito, às formas como resistimos, nos reorganizamos e reconstruímos nossa identidade enquanto povo originário.

A retomada da Caatinga Grande representa muito mais do que a (re)ocupação de um espaço geográfico: trata-se da atualização de um vínculo sagrado com a mãe-terra, viva, encantada e guardiã dos nossos saberes. Como afirmam Beltrão, Xakriabá e Truká (2023, p.11), “a terra indígena é sagrada e mãe”, pois nela circula a vida, os cantos, os encantos, as histórias e as forças que sustentam a existência coletiva. (Re)ocupar esse território é reencontrar os antepassados e garantir às futuras gerações o direito de ser Truká em plenitude.

A pesquisa também se justifica pelo lugar que ocupo enquanto indígena e comunicador, comprometido em contribuir para que as vozes do meu povo sejam ouvidas em sua inteireza. O livro-reportagem produzido registra a retomada a partir de quem a viveu, rompendo com as narrativas externas e coloniais que frequentemente reduzem nossa experiência a estereótipos. Como lembra Pereira Truká (2024, p.3), “nunca mais sobre nós, sem nós”, de dentro, a partir de nossas cosmologias, de nossas dores e de nossas estratégias de resistência. Ao assumir esse compromisso, este trabalho propõe-se a construir uma narrativa enraizada na experiência Truká, em diálogo com a academia, mas sem abrir mão do olhar próprio de quem vive os processos de luta e de afirmação identitária.

A luta pela retomada territorial está diretamente vinculada ao processo de reemergência étnica dos povos indígenas do Nordeste, historicamente invisibilizados, marginalizados e reclassificados socialmente como “caboclos” ou “sertanejos” (Batista, 2024). Tanto a retomada da Ilha da Assunção quanto a da Aldeia Caatinga Grande configuram marcos de um movimento coletivo de autodeterminação que desafia as estruturas do Estado, da Igreja e dos interesses econômicos (Florencio, 2020; Batista, 2008). Esses processos reafirmam a identidade e a territorialidade indígena, articulando memória, ritual e política como formas de resistência e existência, assegurando a continuidade dos povos originários. Nesse sentido, o registro da retomada da Caatinga Grande ganha relevância não

apenas para o povo Truká, mas também para a compreensão mais ampla das lutas indígenas no Sertão do São Francisco.

Por fim, este trabalho se justifica também pela necessidade de ocupar os espaços acadêmicos com narrativas indígenas. Não há registros de pesquisas no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB – DCH III que abordem de maneira específica as lutas, memórias e territorialidades dos povos originários da região, em especial do povo Truká. Essa ausência revela uma lacuna importante na produção acadêmica e jornalística local, considerando a relevância histórica, política e cultural dessas comunidades. Assim, este memorial busca não apenas preencher essa lacuna, mas também abrir caminhos para que outras narrativas indígenas encontrem espaço dentro da universidade e da Comunicação Social. Ao propor a produção de um livro-reportagem que registre a retomada da Aldeia Caatinga Grande a partir das vozes e olhares Truká, reafirma-se um compromisso com uma comunicação decolonial, pautada pela escuta, pela memória e pela justiça histórica. Mais do que um exercício acadêmico, este trabalho é também uma semente lançada para que outras histórias indígenas possam florescer e ganhar visibilidade.

3. OBJETIVOS

Geral:

Compreender como a retomada da Aldeia Caatinga Grande do povo Truká se configura como um ato de resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural indígena.

Específicos:

- Narrar os principais fatos da retomada da Aldeia Caatinga Grande do povo Truká, destacando questões políticas e culturais;
- Identificar no processo de retomada da Aldeia Grande atos de resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural indígena entre o povo Truká;
- Produzir um livro-reportagem sobre a retomada da Aldeia Caatinga Grande do povo Truká e seu papel como um ato de resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural indígena.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Decolonialidade e epistemologias indígenas

A perspectiva decolonial surge como resposta crítica ao modelo eurocêntrico de conhecimento que se consolidou com a colonização das Américas. Para Quijano (2005), o processo de globalização moderna teve origem com a constituição da América e do capitalismo colonial, que impuseram um padrão de poder mundial sustentado pela ideia de raça. Essa classificação racial organizou as hierarquias sociais, econômicas e epistêmicas, naturalizando a superioridade europeia e a subalternização dos povos colonizados. De acordo com Quijano (2005, p. 117),

A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

Essa estrutura de dominação não desapareceu com o fim do colonialismo formal. Ela permanece como colonialidade do poder, do saber e do ser, moldando as formas de produzir conhecimento e de representar o mundo. Mignolo (2003) e Walsh (2018) explicam que a colonialidade opera não apenas sobre os corpos, mas também sobre as epistemes, definindo quem pode falar e de que maneira o conhecimento é legitimado. A decolonialidade, portanto, propõe um deslocamento epistêmico: reconhecer os saberes silenciados e abrir espaço para epistemologias outras, indígenas, afrodescendentes, camponesas e periféricas, que foram historicamente desqualificadas pela ideia de modernidade ocidental.

O pensamento decolonial propõe uma reorientação das formas de conhecer e existir, questionando a lógica moderna que separa humanidade e natureza. Nesse sentido, os saberes indígenas revelam que a crise ambiental é também uma crise de sentidos e de pertencimento. Como adverte Krenak (2019, p. 45), “todos precisam despertar, porque [...] hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda.” Essa reflexão evidencia que a decolonialidade, articulada às cosmologias indígenas, não se limita à crítica do

colonialismo, mas convoca à reconstrução de modos de vida que restabeleçam o equilíbrio entre o humano e a Terra.

As epistemologias indígenas propõem, assim, uma compreensão ampliada de conhecimento, que ultrapassa a racionalidade ocidental e incorpora dimensões afetivas, espirituais e comunitárias. Para os povos originários, saber é também viver e se relacionar com o território, o que faz da terra um espaço de memória e de aprendizagem. Essa visão se articula diretamente com a luta dos Truká pela retomada da Aldeia Caatinga Grande, em que o ato de reocupar o território é também um gesto epistêmico: reafirma a existência coletiva e o direito de narrar a própria história.

No campo da comunicação, a decolonialidade se manifesta na urgência de transformar as práticas jornalísticas, historicamente marcadas pela representação do outro a partir de olhares externos e hierarquizados. Ijuim (2012) observa que parte da desumanização presente no jornalismo deriva da herança moderna e positivista que o estruturou, ao transformar sujeitos em objetos de observação e julgamento. Segundo o autor:

De um lado, o europeu, branco, detentor da ciência, da cultura e do poder econômico; do outro, o colonizado, o explorado, o negro, o índio, o pobre, o selvagem, o marginal. De certa forma, o pensamento moderno levou à imprensa o mesmo pensamento abissal – que separa, discrimina, exclui e marginaliza (Ijuim, 2012, p. 131).

Essa crítica revela como a lógica moderna-colonial ainda orienta a produção jornalística, perpetuando assimetrias simbólicas e silenciando vozes subalternizadas. Nesse sentido, pensar o jornalismo sob uma perspectiva decolonial implica romper com esse paradigma de representação e construir narrativas baseadas na escuta, na reciprocidade e na valorização da alteridade. É justamente nesse movimento que se insere o etnojornalismo, produzido com o protagonismo de indígenas, com a adoção de valores próprios na seleção de temas, fontes e enquadramentos, resultando em produções que traduzam traços culturais e étnicos em sua técnica, ética e estética” (Kaseker, 2019, p. 43). Diferente do jornalismo hegemônico, que historicamente enquadrava os povos originários como objeto de notícia, o etnojornalismo desloca esse eixo e coloca as comunidades como produtoras de discurso, reposicionando saberes, afetos e modos próprios de interpretar a realidade. Ao valorizar a oralidade, a ancestralidade e as relações com o território, essa perspectiva não apenas amplia o repertório narrativo, como também confronta os silêncios impostos pela colonialidade da mídia e afirma novas formas de existir e comunicar.

Ao adotar essa perspectiva, a presente pesquisa entende a decolonialidade como base ética e epistemológica para a produção do livro-reportagem sobre a retomada da Aldeia Caatinga Grande. Contar essa história a partir das vozes Truká é um ato de resistência e de produção de conhecimento. A comunicação, nesse contexto, deixa de ser mera mediação informativa e torna-se instrumento de memória e continuidade cultural. Como afirmam Beltrão, Xakriabá e Truká (2023, p. 6), “nossa saúde, nossos sentimentos, nossas culturas, nosso sentido de ser/estar no mundo se desenvolvem à medida em que desenvolvemos relação com a terra, que em nosso entendimento humanizamos como nossa mãe.” Assim, a decolonialidade, aliada às epistemologias indígenas, orienta este trabalho na busca por um jornalismo que reconheça a ancestralidade, valorize o território e contribua para a afirmação da existência dos povos originários.

4.2 Povos indígenas do Nordeste: resistência, reemergência e territorialidade

A decolonialidade, enquanto perspectiva crítica, não se limita à reflexão teórica, mas encontra expressão concreta nas lutas sociais e culturais travadas pelos povos originários em diferentes regiões do Brasil. No Nordeste, essa perspectiva ganha densidade histórica, pois a colonização produziu, de forma particularmente intensa, o apagamento das presenças indígenas e a negação de suas territorialidades. A narrativa colonial, ao longo dos séculos, construiu a ideia de um Nordeste mestiço e sem indígenas, uma região onde a presença originária teria sido completamente assimilada ou extinta. Essa imagem, amplamente difundida pela historiografia tradicional, é um dos exemplos mais claros do que Quijano (2005) denominou de *colonialidade do poder*, a imposição de uma racionalidade que hierarquiza povos, saberes e modos de vida, transformando a diferença em desigualdade.

Durante muito tempo, o discurso historiográfico sustentou a tese do desaparecimento dos indígenas nordestinos, reduzindo-os a uma presença residual. Essa representação, ao mesmo tempo simbólica e política, serviu para legitimar a apropriação das terras e o silenciamento das memórias coletivas. Contudo, ao contrário dessa visão, a antropologia e a etno-história contemporâneas demonstram que os povos indígenas do Nordeste jamais deixaram de existir. Eles resistiram, adaptaram-se e reinventaram formas de vida, mantendo viva a relação espiritual e territorial com suas origens. Como analisa Batista (2005), a resistência indígena no Nordeste não se expressa apenas em confrontos ou guerras, mas na capacidade dos povos, como os Truká, de reorganizar modos de vida, reconstruir laços sociais e manter viva a memória ancestral mesmo em contextos de adversidade e dominação.

Essa perspectiva revela que a resistência é também uma forma de produção de conhecimento e uma epistemologia da sobrevivência, conforme apontam os pensadores decoloniais.

A chamada emergência étnica dos povos indígenas do Nordeste brasileiro, sobretudo a partir da década de 1970, representa um processo de etnogênese que rompe com a visão tradicional de uma “etnologia das perdas”. João Pacheco de Oliveira (1998) observa que, nas últimas duas décadas do século XX, surgiram novas identidades e se reinventaram etnias já reconhecidas, distinguindo-se dos povos amazônicos pela centralidade da questão fundiária e da reconstrução cultural.

É por isso que o fato social que nos últimos vinte anos vem se impondo como característico do lado indígena do Nordeste é o chamado processo de etnogênese, abrangendo tanto a emergência de novas identidades como a reinvenção de etnias já reconhecidas (Oliveira, 1998, p. 53).

Esse movimento não é mero retorno à visibilidade, mas uma reorganização política e identitária que desafia a narrativa colonial de “índios misturados” e a suposta perda irreversível da cultura. Trata-se de uma afirmação de existência em um contexto histórico que tentou apagá-la, revalorizando a continuidade sociocultural a partir da luta por território e reconhecimento.

No Nordeste, essa reexistência assume formas diversas, mas todas têm como eixo a luta pelo território. A territorialidade constitui, para os povos indígenas, mais do que uma relação com o espaço físico; ela é a base espiritual e cultural da vida coletiva. Como aponta Haesbaert (2005, p. 6775), o território “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”, sendo, portanto, um campo de relações de poder e de sentido. Para os povos indígenas, essa dimensão simbólica é ainda mais profunda: o território é o lugar onde habitam os encantados, onde repousam os antepassados e onde se transmite o conhecimento. É nesse sentido que a relação com a terra não é de posse, mas de comunhão e escuta, um modo de existir que resiste à lógica colonial de dominação.

A história dos povos indígenas do Nordeste é, portanto, uma história de retomadas. Desde o período colonial, grupos dispersos pela violência buscaram refúgio e reorganização, mantendo vivos os vínculos comunitários e espirituais. A partir das décadas de 1970 e 1980, com o fortalecimento das mobilizações indígenas em nível nacional e o surgimento de novos instrumentos legais, como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e a Constituição de 1988, os povos originários nordestinos iniciaram um ciclo de afirmação

territorial e identitária. Nesse contexto, o povo Truká passou a reivindicar o reconhecimento oficial de suas terras e de sua cultura, tornando-se um dos principais símbolos de resistência no sertão.

No caso dos Truká, habitantes da Ilha da Assunção, no município de Cabrobó (PE), a luta pela terra é também uma luta pelo direito de existir segundo seus próprios princípios. Como afirma Cristiano Antônio dos Santos (2022, p. 97), indígena Truká, “a Ilha de Assunção é o Território sagrado dos Truká”, um lugar de reconquista onde a família, a memória e o movimento indígena se entrelaçam. Essa concepção revela a dimensão cosmológica do território: nele, a natureza e a comunidade formam um mesmo corpo. Como ensina Tonho de Chiquinho, “temos que ser todos um corpo só” (*apud* Santos, 2022, p. 97), cuidando do costume, da terra e uns dos outros. O processo de retomada da Ilha, iniciado nos anos 1980, simboliza não apenas a recuperação de um espaço geográfico, mas a reativação de uma memória coletiva e sagrada.

A territorialidade Truká, assim como a de outros povos nordestinos, deve ser lida à luz da decolonialidade. Ao retomar seus territórios, esses povos subvertem a lógica colonial que os confinou à invisibilidade e afirmam uma epistemologia própria, fundada na oralidade, na espiritualidade e na experiência vivida.

A partir das retomadas, emerge também um novo modo de comunicar. A palavra, para os povos indígenas, tem força criadora: ela é instrumento de resistência e de reconstrução. Nesse sentido, a comunicação, em especial, o jornalismo, pode ser compreendida como um espaço de disputa simbólica, em que as vozes indígenas buscam se contrapor às narrativas coloniais que sempre falaram “sobre” elas. Como afirma Ijuim (2012): “por isso mesmo, minha crítica à desumanização no jornalismo procede quando se observa que alguns órgãos de imprensa contribuem para o alargamento das distâncias entre esses dois universos.

Como destacam Pereira Truká, Florêncio e Santos (2024, p. 1),

O Povo indígena Truká através de um processo de retomada, conseguiu reaver todo o território da Ilha da Assunção [...] esse contexto constitui movimentos de reafirmação identitária que envolvem diversas questões políticas, sociais e culturais contemporâneas.

A Caatinga Grande, ao ser reocupada, reabre caminhos para a reterritorialização simbólica e espiritual, fortalecendo a relação entre a terra, os saberes e as novas gerações como ensina o cacique Neguinho Truká: “nossa identidade vem dos elementos terra, água, vento, sol, lua” (*apud* Pereira Truká; Florêncio; Santos, 2024, p. 19).

Assim, compreender os povos indígenas do Nordeste a partir da resistência, da reemergência e da territorialidade é também compreender a decolonialidade em ação. São povos que transformam o sofrimento histórico em força criadora, e o esquecimento em memória viva. A retomada, nesse contexto, é mais que um ato político: é uma pedagogia ancestral que ensina a permanecer. Ao reconhecer essas experiências, o presente trabalho não apenas analisa um processo histórico, mas se alinha a uma ética da escuta e da restituição pilares de um jornalismo decolonial comprometido com os povos e seus territórios.

4.3 O Povo Truká: Identidade, Espiritualidade e Retomada Territorial

A história do povo Truká está intimamente ligada às margens do rio São Francisco, em particular à Ilha da Assunção, no município de Cabrobó (PE), um território visto como sagrado e fundamental em sua cosmologia. Desde o período colonial, os Truká lidam com processos de expulsão, invisibilização e resistência que forjaram sua identidade como povo originário do Nordeste brasileiro. Segundo Batista (2024), o caminho percorrido não ocorreu sem numerosas tensões, disputas, divergências, conflitos e cisões, tanto internas quanto externas, em que as lideranças precisaram negociar de forma contínua com instituições coloniais e indigenistas, como o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), visando à preservação de seu território e formas de vida.

Os registros etno-históricos demonstram que o povo Truká é descendente direto das populações indígenas aldeadas na região do São Francisco desde o século XVIII, vinculadas ao antigo aldeamento da Assunção. De acordo com Batista (2024), a aldeia da Assunção foi formada por grupos de origem cariri e se constituiu como espaço de contato e conflito entre indígenas e colonizadores, sofrendo diversas tentativas de usurpação territorial e desarticulação social. Como afirma a autora, “a aldeia, durante quase todo o século XIX, existiu e persistiu, afligida por problemas que revelam um processo de disputa entre seus moradores e os chamados poderosos de Cabrobó” (Batista, 2024, p. 88-89). Ainda assim, o grupo manteve-se coeso por meio de suas práticas espirituais e de organização política, elementos centrais para a reafirmação de sua identidade étnica e continuidade histórica.

Ao longo dos séculos, a migração forçada marcou profundamente a trajetória histórica do povo Truká, impulsionada por invasões coloniais, pressões fundiárias e conflitos territoriais que resultaram em deslocamentos constantes para ilhas vizinhas, terras alheias ou centros urbanos distantes. Como destacam Pereira *et al.* (2023, p. 10), “as terras,

identificadas como Arquipélago de Assunção, no rio São Francisco, foram retiradas de seus domínios por meio de invasões e enfrentamentos, e para reconquistá-las, foram necessários várias movimentações e impasses migratórios”, ilustrando como esses processos não apenas fragmentaram famílias, mas também exigiram estratégias de resistência para a reconquista de espaços sagrados, reforçando a sustentabilidade territorial e o respeito às vivências culturais como pilares essenciais à sobrevivência indígena.

O movimento de retomada da Ilha da Assunção, na virada do século XX para o XXI, representa um marco dessa trajetória de resistência. Após décadas de expulsões e invasões, os Truká conseguiram reaver todo o território da ilha das mãos de posseiros na primeira década do século XXI (Pereira; Florêncio; Santos, 2024). Esse processo, resultado de longas mobilizações, não se limitou à dimensão territorial, mas expressou uma retomada simbólica e espiritual da relação com a terra. Mais do que uma reivindicação fundiária, a retomada reafirmou a centralidade da espiritualidade na vida e na organização social do povo Truká. A espiritualidade Truká é um dos pilares de sua resistência. Os encantados, a pajelança e os rituais coletivos reafirmam a conexão sagrada com a natureza e o território. No relato de Cristiano Truká (2022), o pajé Antônio Emiliano de Barros, conhecido como Seu Toinho, é lembrado como liderança espiritual e política que guiou o povo durante a retomada: Homem simples, analfabeto, mas detinha um grande conhecimento, pois foi formado e preparado pela Natureza sagrada. Dedicou sua vida ao povo, foi pajé, liderança, guiou toda a nação Truká no processo de retomada do território sagrado (p. 98).

Esses deslocamentos resultaram na formação de novas comunidades, como a aldeia Truká-Tupan, em Paulo Afonso (BA). Essa nova territorialidade representa a continuidade da luta e da memória ancestral. Conforme os organizadores da obra, “o aldeamento Truká-Tupan é marcado por desterritorialização e a reterritorialização é composta por uma identidade interétnica” (Tomáz; Morimitsu; Marques, 2020, p. 15), que une elementos tradicionais e contemporâneos em torno da organização indígena e da defesa da terra sagrada. A cosmovisão Truká-Tupan reafirma a noção de que o território não é apenas espaço físico, mas um campo de relações espirituais e simbólicas com os encantados e a natureza.

A identidade Truká, portanto, se constitui na relação entre território, espiritualidade e memória coletiva. Cada retomada, seja física, simbólica ou espiritual, representa a reafirmação de um pertencimento que transcende fronteiras geográficas. Como afirmam Pereira, Florêncio e Santos (2024, p. 24), “a afirmação identitária Truká na Ilha da Assunção rompeu com instrumentos velhos do olhar sobre o outro e se apegou à construção e à

continuidade de um povo, de sua cultura e tradições”. Essa continuidade histórica reafirma o protagonismo indígena na reconstrução de seus espaços e saberes, transformando a retomada territorial em um ato de memória, resistência e reencantamento do mundo. Nesse sentido, é justamente a força dessa identidade profundamente enraizada na terra e sustentada pela espiritualidade que possibilita compreender como, quando e de que forma o povo Truká conduz seu movimento de reconquista territorial em Cabrobó. Dessa forma, a retomada das terras Truká ocorreu por meio de um processo histórico longo, marcado por mobilizações políticas, articulações espirituais e estratégias coletivas de resistência. A partir da segunda metade do século XX, intensificaram-se as denúncias sobre as invasões e a pressão fundiária sobre a Ilha da Assunção, culminando, na virada para o século XXI, em ações organizadas de retorno ao território ancestral. Essa retomada se deu tanto pela ocupação física da ilha com acampamentos, assembleias e presença contínua das lideranças quanto por uma profunda mobilização espiritual, guiada por pajés e encantados que fortaleceram a coesão do grupo e legitimaram a reconexão com o espaço sagrado. Assim, os Truká retomam suas terras combinando negociação institucional, resistência comunitária e práticas rituais que reativam a memória coletiva, reconstróem a autonomia territorial e reafirmam o direito originário sobre a Ilha da Assunção.

4.4 O livro-reportagem como instrumento de memória e resistência

O livro-reportagem configura-se como uma das expressões mais complexas e significativas do jornalismo contemporâneo, na medida em que articula o rigor da apuração jornalística com os recursos narrativos da literatura. Desde as proposições de Edvaldo Pereira Lima, em *Páginas Ampliadas* (1993), o gênero é compreendido como uma extensão do jornalismo e da literatura, uma forma híbrida que busca ultrapassar as limitações da notícia convencional. Para o autor, o livro-reportagem é um “veículo de comunicação jornalística não periódico que amplia o trabalho da imprensa cotidiana, concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados superficialmente pelos veículos periódicos” (Lima, 1995, p. 7). Essa característica confere ao gênero a capacidade de se constituir em um espaço de aprofundamento, de reflexão e, sobretudo, de preservação da memória coletiva.

No contexto das transformações do jornalismo brasileiro, o livro-reportagem surge como alternativa às práticas hegemônicas da imprensa, marcadas pela objetividade e pela brevidade impostas pelo modelo da pirâmide invertida. De acordo com Carvalho e Silva (2019), o advento do jornalismo informacional e o fortalecimento de sua lógica industrial

resultaram na perda de densidade das narrativas jornalísticas, o que levou muitos profissionais a buscarem no livro-reportagem uma forma de “ir além do tradicional *lead*, aplicando técnicas jornalísticas mais detalhadas ao contar suas histórias” (Carvalho; Silva, 2019, p. 3). Nesse sentido, o gênero assume uma função contracorrente, permitindo ao jornalista escapar das rotinas produtivas do *hard news* e explorar temas com profundidade e liberdade narrativa.

A natureza híbrida do livro-reportagem, ao mesmo tempo literária e jornalística, confere-lhe um papel privilegiado na mediação entre o factual e o simbólico. Oliveira (2006) observa que a força do gênero reside precisamente na sua capacidade de transformar o fato em história, por meio de uma narrativa que incorpora elementos estéticos, éticos e emocionais, sem abandonar o compromisso com a veracidade. Essa combinação faz do livro-reportagem um espaço de ressignificação da experiência social, em que as memórias individuais e coletivas se articulam em torno da palavra e da escuta. Lima (1993) também enfatiza que essa modalidade possibilita um mergulho de fôlego no real, ampliando a compreensão dos acontecimentos e oferecendo ao leitor uma “viagem pelo conhecimento da contemporaneidade” (Lima, 1995, p. 7).

Na perspectiva da práxis jornalística, Prizibiszki (2007) demonstra que o livro-reportagem se diferencia das demais produções impressas por propor uma metodologia que envolve liberdade de pauta, autonomia na escolha das fontes e tempo dilatado para a apuração e a escrita. Essa independência permite que o autor se distancie das restrições empresariais e explore o fato em múltiplas camadas, combinando investigação, observação participante e análise contextual. Segundo a autora, essa flexibilidade narrativa aproxima o jornalismo do campo da literatura, sem abrir mão de sua função informativa e social. O resultado é uma narrativa que não apenas relata, mas interpreta, reconstruindo o real por meio da linguagem.

Essa dimensão interpretativa conecta o livro-reportagem à memória e à resistência. Ao registrar histórias silenciadas ou negligenciadas pela mídia convencional, o gênero torna-se um dispositivo de preservação de experiências e saberes subalternizados. Como observa Ribeiro (2015), vivemos hoje uma “cultura da memória”, marcada pela valorização das narrativas de vida e pela busca de reconhecimento das trajetórias individuais e coletivas. No campo jornalístico, a metodologia da história oral, amplamente utilizada em projetos de memória e comunicação, contribui para recuperar vozes marginalizadas e reconstruir o passado a partir da experiência dos sujeitos. A autora enfatiza que o valor da história oral não reside na factualidade dos depoimentos, mas no significado que eles adquirem para quem

lembra, “remetendo a uma multiplicidade de experiências” (Ribeiro, 2015, p. 75). Ao incorporar essa dimensão memorialística, o livro-reportagem ultrapassa a função informativa e assume um papel de mediação cultural, preservando as vozes e as lembranças que compõem o tecido social.

A narrativa jornalístico-literária, portanto, não é apenas uma forma de expressão estética, mas também um modo de conhecimento e resistência. Conforme destaca Neto e Brito (2010), o livro-reportagem oferece ao jornalista a possibilidade de “um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto”, concedendo liberdade para abordar temas que a imprensa cotidiana tende a ignorar (Neto; Brito, 2010, p. 3). Essa ampliação do olhar transforma o jornalista em mediador de memórias e intérprete de realidades complexas. Ao registrar as experiências humanas de forma sensível e contextualizada, o livro-reportagem contribui para o fortalecimento de uma memória coletiva plural, em que as narrativas dos sujeitos historicamente invisibilizados encontram espaço de enunciação.

Por essa razão, o gênero também pode ser entendido como um território de fala decolonial. A partir da perspectiva do jornalismo literário, o livro-reportagem rompe com a epistemologia eurocêntrica que estrutura as práticas jornalísticas modernas, centradas na objetividade e na neutralidade. Ao reconhecer a subjetividade do narrador e a potência das histórias de vida, ele desafia o modelo hegemônico de representação e propõe uma escuta sensível das alteridades. Nessa direção, a forma narrativa torna-se instrumento político, capaz de construir pontes entre a memória e a resistência cultural. A obra jornalístico-literária, ao articular múltiplas vozes e perspectivas, converte-se em um espaço de reexistência especialmente quando dedicada a registrar as trajetórias de povos e comunidades historicamente subjugadas.

Assim, o livro-reportagem não é apenas um produto jornalístico; é também uma prática social que reivindica o direito à memória e à palavra. Ao narrar o vivido em profundidade e sensibilidade, ele preserva o que a notícia diária silencia e transforma o ato de contar em gesto de resistência. Em diálogo com o pensamento de Lima (1993) e com a noção de memória proposta por Ribeiro (2015), pode-se afirmar que o livro-reportagem é, simultaneamente, um instrumento de conhecimento e um espaço ético de escuta, uma forma de narrar o mundo que reconhece na experiência humana a fonte essencial de toda história. Resolvemos contar a história da retomada da Aldeia Caatinga Grande com um livro-reportagem multimodal.

O jornalismo multimodal, no cenário comunicacional brasileiro, tem sido compreendido como uma prática que articula diferentes modos de significação: texto,

imagem, som, vídeo, ícones, interface gráfica, para construir sentidos mais amplos e complexos. Belcavello e Veridiano (2025) mostram como o jornalismo contemporâneo se reorganiza em torno da convergência de linguagens e da pluralidade de modos de expressão, ampliando a potência da narrativa jornalística. Essa abordagem parte do pressuposto de que, na cultura digital, a informação circula por múltiplos canais e formatos, exigindo do jornalista sensibilidade para integrar esses recursos de modo ético, claro e funcional.

Essa compreensão dialoga com o que Brait (2016) e Santaella (2013) defendem sobre a multimodalidade na linguagem: compreender um enunciado contemporâneo implica reconhecer não apenas a palavra escrita, mas a articulação entre diferentes sistemas semióticos. Para Prado (2022), a notícia adquire novas camadas de sentido quando combina texto verbal, imagens, links, hashtags e outros elementos paralinguísticos típicos das redes digitais. Essa visão amplia a noção de gênero jornalístico, indicando que o jornalismo multimodal não se trata apenas de “acrescentar mídia”, mas de repensar a própria estrutura narrativa.

Ao trazer essa discussão para o campo do livro-reportagem, é possível perceber uma convergência natural entre profundidade narrativa e multimodalidade. O livro-reportagem, historicamente associado a técnicas do jornalismo literário e à investigação aprofundada, encontra no modelo multimodal um caminho para enriquecer a experiência de leitores(as). Se, como afirma Machado (2012), às mídias digitais inauguram um regime de leitura expandido, o livro-reportagem multimodal passa a oferecer não apenas voz para quem narra, mas também sons, imagens, documentos históricos e elementos culturais que favorecem a imersão do público nos acontecimentos narrados.

A multimodalidade torna-se especialmente relevante quando se deseja reconstruir atmosferas, memórias e experiências sensoriais de grupos étnicos, povos tradicionais e comunidades historicamente silenciadas. Assim, a incorporação de áudios, cânticos tradicionais, mapas visuais e fotografias de arquivo dentro de um livro-reportagem deixa de ser mero adorno e passa a funcionar como elemento de preservação, reconhecimento e ampliação da representação cultural.

A multimodalidade também pode ser vista como estratégia de justiça discursiva: trata-se de permitir que diferentes formas de expressão coexistam de maneira legítima no discurso jornalístico. No caso do livro-reportagem *Truká: a força da resistência na Caatinga Grande*, por exemplo, o uso de áudio com cantos tradicionais não apenas reforça a narrativa, mas também rompe com a hegemonia da palavra escrita, reconhecendo que outras formas de discurso, sonoras, corporais, ritualísticas, são igualmente produtoras de conhecimento.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, adequada para pesquisas que buscam compreender sentidos, práticas culturais e processos identitários a partir das vozes e experiências das pessoas. A escolha dessa abordagem fundamenta-se na necessidade de interpretar dimensões simbólicas e afetivas da retomada da Aldeia Caatinga Grande do povo Truká, algo que não pode ser reduzido a medições objetivas ou numéricas. Assim, a pesquisa qualitativa permitiu construir uma leitura aprofundada dos significados atribuídos pelos próprios indígenas ao processo de retomada.

A produção de um livro-reportagem multimodal foi definida como estratégia metodológica coerente com essa perspectiva. Como explica Lucia Santaella (2014), as produções comunicacionais contemporâneas articulam diferentes modos de significação, texto, som, imagem, performance, e tais articulações não apenas complementam a narrativa, mas produzem sentidos próprios. Assim, trabalhar com multimodalidade significa reconhecer que nenhuma linguagem isolada é capaz de abarcar a complexidade da experiência humana, especialmente quando se trata de culturas profundamente marcadas pela oralidade, como os povos indígenas.

A concepção de multimodalidade adotada neste trabalho apoia-se nas reflexões apresentadas por Barbosa (2020), para quem cada modo de comunicação: visual, sonoro, gestual, verbal, possui recursos expressivos específicos e deve ser analisado dentro de um contexto sociocultural mais amplo. Para a autora, produtos comunicacionais multimodais exigem uma lógica de construção narrativa que pense não apenas o conteúdo, mas as relações entre os modos. Assim, o livro-reportagem não se limita ao texto escrito; ele incorpora elementos sonoros como parte orgânica da narrativa.

As entrevistas semi-estruturadas realizadas com cinco indígenas Truká durante os meses de setembro e novembro constituíram o núcleo empírico da pesquisa qualitativa. Inspirada na abordagem colaborativa de Meihy e Holanda (2014), a coleta de dados valorizou o caráter dialógico e a coautoria presente nas narrativas indígenas. As conversas foram registradas por áudio, preservando ritmos, entonações, pausas, cantos e expressões próprias do modo de narrar Truká. Essa escolha metodológica reforça, conforme indicam Pereira (2011) e Santaella (2014), que a significação não está apenas nas palavras, mas nos modos como a fala se materializa.

A pesquisa documental, realizada em jornais da época, seguiu a perspectiva de Barbosa (2013), que compreende o jornalismo como produtor de memória social e como campo de disputa simbólica. Essa leitura foi fundamental para identificar contradições entre a narrativa midiática hegemônica e as narrativas indígenas construídas nas entrevistas.

A pesquisa bibliográfica consistiu no levantamento de livros, teses e dissertações que tratam da história e da organização sociocultural dos Truká. Seguindo Gil (2008), essa etapa permite construir um arcabouço teórico que dialoga com o material empírico e que historiciza a luta territorial e identitária do povo.

As narrativas multimodais deslocam a centralidade da palavra escrita e ampliam a experiência sensorial do leitor. Isso é especialmente significativo para narrativas sobre povos indígenas, cujas expressões culturais não se restringem ao texto gráfico. Ao incorporar sons e cantos, o livro-reportagem adere a uma lógica comunicacional mais próxima do universo simbólico dos Truká.

A inserção de áudios contendo cantos tradicionais Truká encontra respaldo direto na teoria multimodal. Os cantos carregam sentidos que não podem ser plenamente traduzidos no texto. Eles evocam espiritualidade, territorialidade e memória coletiva, aspectos essenciais da identidade Truká. Seguindo Santaella (2014), reconhecer a legitimidade do som como modo narrativo é um gesto epistemológico que afirma a pluralidade das linguagens humanas. Assim, os áudios não funcionam como acessórios, mas como elementos estruturantes da narrativa.

O livro-reportagem “*Truká: a força da resistência na Caatinga Grande*” constitui um gesto metodológico e político: narra a retomada a partir da perspectiva do próprio povo Truká e reafirma sua resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural.

6. ELABORAÇÃO DO PRODUTO

A construção do livro-reportagem sobre o povo Truká começou antes mesmo de eu perceber que produto seria de fato o resultado final do meu Trabalho de Conclusão de Curso. A ideia inicial ainda estava dispersa, já tinha pensado em três produtos e não sabia ao certo o que queria fazer, minha mente estava atravessada por memórias e histórias que sempre ouvi, mas que nunca tinha organizado de maneira sistemática. Foi somente após as primeiras conversas com meu com o orientador, Fábio Ronaldo, que compreendi que aquele conjunto de lembranças, vivências e inquietações poderia se transformar em um trabalho acadêmico sólido.

Lembro claramente da primeira conversa em que foi mencionado que seria um livro. Era fim do semestre, e eu estava apresentando a Pré-banca de TCC, explicava que gostaria que meu trabalho fosse uma espécie de retorno ao território, às histórias de minha família e ao processo de retomada que moldou a identidade do povo Truká. Enquanto eu falava, percebia que cada elemento da narrativa já existia dentro de mim, faltava apenas encontrar uma forma de organizá-los. Foi nesse momento que decidi convidar o professor Fábio, entendendo que o livro-reportagem reuniria pesquisa documental, entrevistas, relatos pessoais e uma dimensão memorialística que acompanharia todo o trabalho, áreas que o professor pesquisava.

O processo de elaboração ganhou força quando definimos as primeiras tarefas. No início, meu orientador pediu que eu levantasse referências sobre jornalismo literário, livro-reportagem e produções narrativas sobre povos indígenas. Essa etapa, ainda que teórica, foi essencial para eu compreender a estrutura que eu precisaria seguir mais adiante. Entre leituras fui percebendo que minha escrita poderia transitar entre o jornalismo e a memória sem perder rigor acadêmico. As reuniões seguintes serviram para ajustar essa perspectiva, definindo que o livro-reportagem deveria manter compromisso factual com cada fala registrada, cada documento consultado e cada dado histórico apresentado.

Com esse alinhamento inicial, começamos a fase de preparação para a pesquisa de campo. Organizamos uma lista de potenciais entrevistados, principalmente lideranças e parentes mais antigos, além de datas possíveis para visita à Ilha da Assunção. Na época, eu ainda estava dividido entre o receio de não corresponder às expectativas e a urgência de registrar histórias que sempre fizeram parte do meu cotidiano, mas que, até então, não tinham ganhado espaço em registros formais. Cada reunião servia para definir um passo: o tipo de

entrevista, a forma de abordagem, os cuidados éticos necessários e até mesmo o modo como eu deveria registrar minhas impressões no diário de campo.

6.1 Escolha das fontes

A seleção das fontes do livro-reportagem foi orientada por uma perspectiva decolonial, priorizando vozes indígenas diretamente envolvidas na retomada da Aldeia Caatinga Grande e da juventude. As entrevistas com lideranças, anciãos, jovens e mulheres Truká foram escolhidas como fontes centrais por expressarem, a partir da oralidade, os sentidos culturais, espirituais e políticos que estruturam o território e a identidade do povo.

Iniciei os contatos ainda no mês de agosto. Falei com meu amigo Tauan Vieira no dia 16 do mesmo mês para perguntar se ele poderia me ajudar a contactar as fontes. O contato foi feito a partir do aplicativo de conversação WhatsApp por conversando de forma oral com pessoas que faziam parte do meu ciclo de convívio. Esse processo resultou na seleção de cinco fontes, que são:

Quadro 1. Perfil das fontes entrevistadas

Nome	Idade	Função/Papel	Relevância para o livro-reportagem
Margarida Freire da Silva	91	Anciã	Traz ao livro a força da memória viva da retomada, oferecendo uma perspectiva íntima e afetiva de quem atravessou a história por dentro.
Aurivan dos Santos Barros (Cacique Neguinho Truká)	52 anos	Cacique e liderança tradicional	Referência na condução espiritual e política da retomada.
Edilene Bezerra Pajeú	50 anos	Professora indígena e ex-vereadora de Cabrobó	Representa a intersecção entre educação, política institucional e

(Pretinha Truká)			protagonismo feminino.
Tauan dos Santos Vieira	24 anos	Professor de Língua Materna	Traz a voz de um jovem Truká, revelando seu modo de pensar o território, a cultura e a luta do povo
Gabriel da Silva Oliveira Barros	23 anos	Professor de Língua Materna	Apresenta a visão de um jovem Truká, mostrando como a nova geração vive e fortalece a cultura, a luta e o território.

Fonte: Elaborada pelo Autor, 2025.

As entrevistas foram realizadas entre 20 de setembro e 5 de novembro de 2025, com agendamento definido de acordo com a disponibilidade das fontes. Para a coleta de dados, foi usado um roteiro semiaberto, composto por perguntas que orientaram o diálogo. No decorrer das conversas, novas questões foram inseridas conforme a necessidade, a fim de aprofundar memórias, percepções e experiências próprias dos participantes.

Todas as cinco pessoas entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após a leitura integral do documento. Elas foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e sobre o uso de suas falas e imagens, conforme detalhado nos anexos. Essa prática atende às normas éticas da Universidade e segue os procedimentos adotados por docentes e discentes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios nas produções de conteúdo e nas pesquisas realizadas para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Os áudios das entrevistas foram captados utilizando o aplicativo Gravador de Voz, programa que já veio instalado de fábrica no meu celular Samsung A05, além de um gravador de voz digital Sony ICD-PX240.

O processo de entrevistas que compõem o livro-reportagem foi desenvolvido de maneira gradual, sensível e alinhada aos princípios éticos e decoloniais que orientam a pesquisa. Desde o início, compreendi que ouvir as vozes do povo Truká exigia não apenas técnica jornalística, mas respeito ao tempo, ao espaço e às formas próprias de comunicação

da comunidade. Assim, as entrevistas foram conduzidas em diferentes momentos e contextos, sempre priorizando o conforto e a disponibilidade dos interlocutores.

A primeira entrevista foi realizada com Aurivan dos Santos Barros, conhecido como Cacique Neguinho Truká, nome pelo qual será referido ao longo de todo o livro. Para viabilizar o encontro, contei com o apoio do meu pai, Fabrício Freire. Iniciei o contato com o Cacique no dia 15 de setembro, porém ele não se encontrava em casa naquele momento. Após enviar-lhe uma mensagem, meu pai conseguiu agendar a entrevista para o dia 20 de setembro, três dias após a comemoração dos 30 anos da Retomada da Aldeia Caatinga Grande. Cheguei à residência de Neguinho logo cedo, por volta das 9h da manhã. Fui recebido na área externa de sua casa, onde conversamos por mais de duas horas.

Ao longo da conversa, Cacique Neguinho revisitou momentos centrais da história da Caatinga Grande, narrando com detalhes o clima de tensão, coragem e união que marcaram as primeiras movimentações do povo. Ele destacou a importância das lideranças da época e o papel fundamental da espiritualidade como força de orientação, proteção e decisão coletiva. Contou ainda sobre as dificuldades enfrentadas, as estratégias de resistência e o sentimento de responsabilidade que acompanha todo líder indígena que caminha à frente de um povo.

Um mês depois, no dia 23 de outubro, realizei mais duas entrevistas, desta vez com Gabriel Barros e Tauan Vieira, ambos jovens professores de Língua Materna e atuantes nos processos educativos da comunidade. Agendamos o encontro para às 15h, no centro de artesanato Carinhanha, localizado na entrada da Ilha. Ao chegar, encontrei os dois sentados próximos ao rio, conversando descontraidamente e tomando refrigerante, em um ambiente que refletia bem a tranquilidade e a convivência que marcam a vida cotidiana no território Truká.

No início, ambos demonstraram certo nervosismo, algo compreensível, principalmente pelo caráter formal da pesquisa e pelo gravador à vista. Contudo, à medida que a entrevista avançava, eles foram ficando mais à vontade e a conversa assumiu um tom leve, fluido e profundamente reflexivo, revelando perspectivas importantes sobre juventude, educação e identidade indígena.

Durante o diálogo, Gabriel destacou o papel da Língua Materna como instrumento de resistência cultural e como ponte entre as antigas e as novas gerações. Falou sobre o desafio de ensinar uma língua que carrega não apenas palavras, mas modos de ver o mundo, cosmologias, ética e memória ancestral. Para ele, ser professor na aldeia significa manter viva uma herança que, historicamente, foi silenciada pelo processo de colonização.

Tauan, por sua vez, enfatizou a importância da escola indígena como espaço de reconstrução identitária. Comentou como a juventude Truká tem assumido um papel cada vez mais ativo na defesa do território, na participação comunitária e na continuidade dos rituais e tradições. Ele relatou experiências pessoais, lembrando os ensinamentos de lideranças mais velhas e a forma como esses conhecimentos influenciam sua atuação como educador e como jovem indígena em processo de fortalecimento identitário.

Ambos falaram também sobre a retomada da Caatinga Grande e o impacto que ela tem na formação política da juventude. Segundo eles, crescer ouvindo as histórias da luta, da coragem coletiva e da espiritualidade que guiou o processo os fez compreender que o território é mais do que espaço físico, é fundamento, raiz e horizonte. Afirmaram que ensinar a Língua Materna dentro desse contexto é, ao mesmo tempo, um ato pedagógico e político.

Na manhã do dia 29 de outubro, cheguei à Escola Estadual Indígena Maria Antonia da Conceição Praça por volta das 9h e aguardei a chegada de Edilene Bezerra Pajeú, conhecida como Pretinha Truká. Assim que chegou, ela me cumprimentou cordialmente e me conduziu para uma sala, onde iniciamos a entrevista. Com serenidade, Pretinha compartilhou sua trajetória como professora e liderança, revisitando memórias da retomada da Caatinga Grande e a importância da participação das mulheres no fortalecimento político e espiritual da comunidade. Suas narrativas revelaram a força da organização coletiva e a presença constante da espiritualidade como guia nos momentos de luta.

Ao longo da conversa, Pretinha destacou o papel central da educação para a continuidade da identidade Truká. Para ela, ensinar os saberes tradicionais é garantir que as crianças compreendam o território não apenas como espaço físico, mas como herança ancestral carregada de memória, significado e encantamento. A escola, segundo Pretinha, não é apenas lugar de aprendizagem formal, mas um instrumento de resistência e afirmação cultural, onde os alunos são formados para reconhecer, valorizar e defender sua história enquanto povo indígena.

A última entrevista foi realizada com Margarida Freire da Silva, Tia Margarida, uma anciã de 91 anos cuja vida carrega inúmeras histórias e lembranças do povo Truká. Encontrei-a no seu quarto, onde fui recebido com a calma e a sabedoria que marcam sua presença. Sua fala pausada revelava não apenas memórias, mas a profundidade de quem viveu intensamente cada etapa da história da comunidade.

Durante a conversa, Tia Margarida recordou como era a vida antes da retomada, descrevendo a convivência na ilha, os costumes das famílias e a importância das rezas, das danças e dos rituais que mantinham viva a espiritualidade Truká. Relatou momentos de

dificuldades, deslocamentos e resistência, destacando a união das famílias e a força dos antepassados nos períodos mais desafiadores.

Encerrar o ciclo de entrevistas com Tia Margarida foi profundamente significativo. Sua memória viva mostrou que a ancestralidade é o alicerce que sustenta o presente e orienta o futuro do povo Truká. Suas palavras sintetizam a força da memória como forma de resistência e reafirmam o papel essencial dos mais velhos na continuidade das lutas e dos saberes da comunidade.

7. O PRODUTO

O livro-reportagem *Truká: a força da resistência na Caatinga Grande* emerge de um percurso profundamente afetivo, político e intelectual, que transcende o escopo de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo em Multimeios. Nascendo do meu desejo de retornar ao território ancestral, sistematizar narrativas familiares e comunitárias, e registrar de forma rigorosa e sensível a retomada da Aldeia Caatinga Grande, um evento que ajudou a redefinir a identidade coletiva do povo Truká. Desde as primeiras orientações acadêmicas, com o professor Fábio Ronaldo, ficou claro que essas memórias dispersas, vivências cotidianas e inquietações ancestrais poderiam se transformar em um produto jornalístico híbrido, capaz de entrelaçar investigação factual, oralidade indígena e narrativa literária.

Esse projeto reconhece a retomada como um patrimônio vivo e dinâmico, merecedor de um registro escrito que fortaleça a memória coletiva, amplie a visibilidade das vozes indígenas e confronte narrativas coloniais que historicamente invisibilizaram os povos originários do Nordeste. O processo criativo foi guiado por uma convergência entre memória e escuta ativa, inspirada em conceitos de decolonialidade, jornalismo literário e multimodalidade. À medida que se aprofundaram os estudos sobre autores, consolidou-se uma narrativa rigorosa, afetiva e plurissensorial, que integra texto verbal, imagens, áudios de cantos tradicionais, documentos históricos e elementos visuais. Cada capítulo articula a profundidade das entrevistas com contextos históricos, políticos e culturais, permitindo que as falas dos entrevistados orientem o fluxo narrativo e as escolhas editoriais.

A escrita foi construída a partir de uma ética de pertencimento indígena, valorizando a autenticidade de cada narrativa compartilhada e priorizando a sensibilidade das memórias coletivas. Uma etapa central foi a elaboração de roteiros: para as entrevistas, adotou-se um modelo semiaberto, com perguntas guias sobre temas como a história da retomada, espiritualidade, memória familiar, educação indígena, juventude, cotidiano comunitário e territorialidade. Esse formato flexível garantiu que as conversas fluíssem organicamente, respeitando o tempo e o modo de narrar de cada participante, sem impor rigidez. Paralelamente, um roteiro-base para o livro delineou os eixos temáticos de cada capítulo, os personagens centrais, as contextualizações históricas e os recursos multimodais, funcionando como um guia adaptável que preservava a espontaneidade da criação.

A estrutura do livro é concebida como um mosaico de vozes plurais, que entrelaça perspectivas individuais e coletivas para revelar a complexidade da resistência Truká. Inicia-se com uma introdução narrativa que apresenta o território sagrado, a importância da retomada e a perspectiva decolonial que fundamenta toda a obra. Os capítulos subsequentes exploram temas como a espiritualidade ancestral, a história política do povo Truká, as resistências coletivas contra o colonialismo, o cotidiano na Caatinga Grande, o papel das lideranças e a atuação da juventude na preservação cultural. Depoimentos diretos são incorporados para manter a integridade da oralidade, enquanto fotografias, registros sonoros e elementos visuais atuam como complementos expressivos, ampliando a imersão sensorial e documental. O livro encerra-se com reflexões sobre memória, resistência e continuidade, conectando passado, presente e futuro, e um capítulo visual dedicado a imagens do território, das pessoas entrevistadas e dos espaços simbólicos, reforçando o caráter afetivo e memorialístico da narrativa.

O núcleo empírico do livro reside nas entrevistas e saídas de campo realizadas entre setembro e novembro de 2025, com visitas à Ilha da Assunção e à Aldeia Caatinga Grande, no município de Cabrobó (PE). Foram entrevistadas cinco pessoas importantes para a história que apresentamos: o Cacique Neguinho Truká (líder espiritual e político); a professora e liderança feminina Pretinha Truká; os professores de Língua Materna Gabriel Barros e Tauan Vieira (representantes da juventude educativa); e Tia Margarida, anciã cujas memórias abrangem deslocamentos históricos e resistências ancestrais.

Os encontros ocorreram em locais significativos, como residências, espaços comunitários, escolas e margens do rio São Francisco, permitindo que o ambiente enriquecesse as narrativas. As conversas foram gravadas com gravador digital Sony ICD-PX240 e celular Samsung A05, sempre com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Registros em diário de campo capturaram impressões espontâneas, consolidando uma abordagem decolonial que posiciona as vozes indígenas como condutoras da história.

A produção demandou investimentos de cerca de R\$ 600,00 em passagens, mototáxis e diagramação, além de colaborações comunitárias: a imagem da capa e ilustrações foram cedidas pela própria comunidade Truká, garantindo alinhamento cultural com símbolos e referências étnicas. A diagramação, realizada por George Diaurum, meu colega que também é indígena formado em Jornalismo em Múltiplos Meios pela UNEB, utilizou a plataforma Canva para criar uma estética visual harmônica e acessível.

A escolha pelo texto alinhado à esquerda, não é por acaso ou meramente estética: é uma decisão política, decolonial e simbólica, que reflete o meu compromisso com a ruptura de padrões coloniais impostos à escrita e à representação indígena. Como explicitado na introdução do livro, o alinhamento justificado que "endireita" o texto para criar margens uniformes evoca uma lógica de controle e homogeneização, extensão simbólica do pensamento colonial que historicamente buscou enquadrar, padronizar e domesticar vozes, corpos e modos de existir dos povos originários. Essa formatação rígida, comum em normas editoriais eurocêntricas, impõe um "encaixe perfeito" que silencia a fluidez natural da linguagem.

Ao optar pelo alinhamento à esquerda, o texto ganha movimento e respiração, aproximando-se da oralidade indígena. A palavra indígena não é linear ou quadrada: ela caminha, dança, serpenteia, respeitando ritmos, pausas e fluxos orgânicos, como nos rituais do toré ou nas histórias transmitidas de geração em geração. Essa escolha permite que cada linha siga seu curso natural, sem ser esticada artificialmente, evocando a liberdade e a resistência contra estruturas opressoras. É um gesto de decolonizar o próprio corpo da página, recusando padrões gráficos que se tornaram "universais" apenas pela dominação colonial, e afirmando que a narrativa indígena não cabe em moldes impostos. Assim, o formato não justificado torna-se uma extensão da luta pela autonomia cultural, tornando o livro não só um conteúdo, mas uma forma de resistência em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso permitiu sistematizar um percurso investigativo que articulou fundamentos teóricos, procedimentos metodológicos e experiências de campo, culminando na elaboração do livro-reportagem *Truká: a força da resistência na Caatinga Grande*. Ao longo desse processo, foi possível compreender com maior profundidade a dinâmica histórica, política, cultural e espiritual que estrutura a retomada da Aldeia Caatinga Grande, bem como os modos pelos quais o povo Truká reafirma sua identidade e territorialidade diante das persistentes formas de invisibilização colonial.

A análise desenvolvida ao longo da pesquisa demonstrou que a retomada da Caatinga Grande constitui um marco fundamental no processo contemporâneo de reorganização sociopolítica dos Truká. Não se trata apenas de um evento de reintegração territorial, mas de um movimento coletivo que articula memória, espiritualidade, estratégias de resistência e práticas comunitárias em torno da reconstrução identitária. A literatura antropológica e etno-histórica, somada às narrativas testemunhais colhidas durante o trabalho de campo, evidenciou que os povos indígenas do Nordeste, e particularmente os Truká, constroem sua permanência histórica a partir da reativação de vínculos territoriais e da mobilização contínua de suas tradições culturais.

Do ponto de vista teórico, a perspectiva decolonial adotada contribuiu de forma decisiva para problematizar os enquadramentos tradicionais da historiografia e da comunicação, frequentemente baseados em epistemologias eurocêntricas que silenciaram ou distorceram as experiências dos povos originários. Com auxílio dessa perspectiva teórica, foi possível compreender que o território, a oralidade e a espiritualidade constituem eixos estruturantes dos saberes indígenas, desafiando a noção ocidental de conhecimento como produto exclusivamente racional, escrito e desvinculado da experiência comunitária. Nesse sentido, a abordagem decolonial permitiu interpretar a retomada não apenas como um fato histórico, mas como um gesto epistêmico: ao reocupar a terra, os Truká reativam também modos próprios de produzir e transmitir conhecimento.

Do ponto de vista metodológico, a adoção da abordagem qualitativa mostrou-se adequada para captar dimensões simbólicas, afetivas e políticas que não poderiam ser apreendidas por métodos quantitativos. As entrevistas semiestruturadas, conduzidas com lideranças, jovens, mulheres e uma anciã da comunidade, constituíram o eixo central da produção de dados. O uso de gravações sonoras possibilitou registrar ritmos de fala,

entonações e expressões que fazem parte da construção de sentido nas narrativas orais indígenas. Somado a isso, a pesquisa documental e bibliográfica permitiu contextualizar historicamente o processo de retomada, oferecendo elementos cronológicos e analíticos que dialogam com as falas coletadas.

A escolha pelo livro-reportagem multimodal como produto final mostrou-se metodologicamente coerente com os objetivos da pesquisa. A multimodalidade demonstra que a circulação contemporânea da informação exige a articulação entre diferentes sistemas semióticos. No caso específico desta pesquisa, a integração de texto, fotografias, registros sonoros e elementos visuais contribuiu para representar de modo mais fiel os modos indígenas de narrar e significar a experiência territorial. Esse formato também se mostrou relevante do ponto de vista da justiça epistemológica, pois reconhece a multiplicidade de linguagens que constituem os saberes Truká e evita reduzi-los exclusivamente ao texto escrito.

Ao registrar a história da retomada por meio de um livro-reportagem produzido “a partir de dentro”, esta pesquisa contribuiu para ampliar o espaço das narrativas indígenas na universidade e no campo da comunicação. A literatura jornalística tradicional, historicamente enquadrou os povos originários como objetos de notícia, sem considerar seus protagonismos, cosmologias e valores próprios. A produção deste livro-reportagem, ao contrário, busca reposicionar as vozes indígenas como sujeitos de conhecimento, produtores de discurso e agentes de sua própria memória coletiva. Essa mudança de perspectiva fortalece a construção de um jornalismo decolonial, comprometido com a escuta, a contextualização e o reconhecimento da diversidade epistemológica.

A partir da análise dos dados e da experiência acumulada ao longo da pesquisa, torna-se evidente que o território ocupa função central na organização social e espiritual do povo Truká. A retomada da Caatinga Grande reafirma o território não apenas como espaço físico, mas como campo simbólico no qual se atualizam memórias ancestrais, práticas rituais e sentidos de pertencimento. As falas coletadas durante as entrevistas reforçam que o território, para os Truká, constitui dimensão inseparável da identidade coletiva. Portanto, compreender esse processo exige considerar simultaneamente fatores históricos, culturais, espirituais e políticos.

A elaboração deste trabalho permitiu reconhecer também desafios inerentes à inserção de narrativas indígenas no contexto acadêmico. A universidade ainda se estrutura majoritariamente a partir de modelos de escrita, validação e apresentação do conhecimento que privilegiam lógicas ocidentais. Nesse sentido, a produção de um livro-reportagem

multimodal sobre um processo de retomada territorial indígena implica tensionar essas normas, evidenciando a necessidade de ampliar as formas legítimas de produção científica, de modo a incluir epistemologias que valorizam a oralidade, a experiência e a espiritualidade.

Do ponto de vista da formação em Jornalismo em Múltiplos Meios, este TCC destacou a relevância de práticas comunicacionais que integrem rigor investigativo, responsabilidade ética e sensibilidade cultural. A escuta qualificada e a atenção às especificidades socioculturais dos entrevistados foram fundamentais para garantir a fidelidade às narrativas e evitar enquadramentos coloniais ou redutores. Além disso, o processo reforçou a importância de um jornalismo comprometido com a memória social, com a veracidade e com o reconhecimento das vozes subalternizadas, especialmente em contextos historicamente marcados pelo apagamento.

Em síntese, acredito que o trabalho atingiu seus objetivos ao registrar e analisar a retomada da Aldeia Caatinga Grande a partir das vozes, perspectivas e experiências do povo Truká, contribuindo para a compreensão dos processos de resistência, reconstrução identitária e afirmação cultural que caracterizam esse movimento. O livro-reportagem resultante configura-se como instrumento de memória e documentação, oferecendo ao leitor e a leitora uma visão aprofundada sobre a história recente dos Truká e reafirmando a legitimidade de suas narrativas no campo acadêmico e jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Mércia Rejane RANGEL. **De caboclos da Assunção a Índios Truká**: estudo sobre a emergência da identidade étnica truká. Campina Grande: EDUFCG, 2024.

Disponível em:

<https://dspace.sti.ufcg.edu.br/bitstream/riufcg/39336/1/DE%20CABOBLOS%20DA%20ASSUN%20C3%87%20C3%83O%20A%20INDIOS%20TRUKA%20-%20E-BOOK%20EDUFCG%202024.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel; CORRÊA, José Gabriel Silveira. **História e mito**: o lugar dos documentos e dos relatos para os Truká. In: I Colóquio Internacional de História, 1., 2008. Disponível em:

<https://dspace.sti.ufcg.edu.br/bitstream/riufcg/36659/1/HIST%20C3%93RIA%20E%20MITO%20O%20LUGAR%20DOS%20DOCUMENTOS%20E%20DOS%20RELATOS%20PARA%20OS%20TRUK%20C3%81%20-%20ANAIS%20DE%20EVENTO%20I%20COL%20C3%93QUIO%20INT.%20DE%20HIST%20C3%93RIA%20GT%209%202008.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **Descobrimo e recebendo heranças: as lideranças Truká**. 2005. 279 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:

https://app.docvirt.com/mi_bibliografico/pageid/174161. Acesso em: 10 set. 2025.

BELTRÃO, Jane Felipe; XAKRIABÁ, Uwira, LOPES DOMINGUES, William César; TRUKÁ, Yssô, SANTOS, Ailson dos. Terra indígena é vida: patrimônio de inestimável valor. **Revista Hawò**, Belém, v. 4, p. 1-25, 2023. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/80083>. Acesso em: 5 set. 2025.

ESTEVÃO PINTO. **Os indígenas do Nordeste**: organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Série Brasiliana, v. 1).

FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Aspectos culturais do povo Truká de Assunção: territorialidades emergentes. **Revista Científica do UniRios**, [Local não especificado], v. 2020.1. 2020. Disponível em:

https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/24/aspectos_culturais_do_povo_truka_de_assuncao.pdf. Acesso em: 15 out. 2025

GUEDES, Nicoli Glória de Tassis. **Jornalismo e construção social da realidade**: uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 32., 2009, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1820-1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10. 2005, São Paulo. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 10 out. 2025

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 7, n. 2, p. 117–137, 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>. Acesso em: 5 set. 2025.

IJUIM, Jorge. Apontamentos sobre a emergência de decolonizar o jornalismo. **Revista Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 10, e21874, p. 76-93, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21874>. Acesso em: 25 nov. 2025.

JUNIOR, Rone Fabio Carvalho; SILVA, Maria Sueli Ribeiro da. **Livro-reportagem: a relação entre o jornalismo e a literatura**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. Anais [...]. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1023-1.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2. ed. rev. e ampl. Barueri: Manole, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NETO, Fernandino Rodrigues do N.; BRITO, Rosildo Raimundo de. **Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP)**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 12., 2010, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/r23-0544-1.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos “índios misturados?” Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/LXbFMZgsrbyVpZfdbdjy6zm/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2025.

PEREIRA, Artenízia Luiza da Silva. **Territorialidade e identidade étnica Truká no século XXI 2024**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/a334d303-23f1-43f5-9af6-c9e28ad2c19d>. Acesso em: 5 set. 2025.

PEREIRA TRUKÁ, Arteniária Luiz da Silva; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Truká: identidade, cultura e resistência na Ilha da Assunção. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 6, 2024. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/682>. Acesso em: 5 set. 2025.

PINTO, Estêvão. **Os indígenas do Nordeste**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:pinto-1935-indigenas>. Acesso em: 5 set. 2025.

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. **A práxis do livro-reportagem**: teoria e prática em diálogo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 30., 2007, Santos. Anais [...]. Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1109-2.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 1-27. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **Padrões de caça, pesca e uso de animais silvestres pela etnia Truká, no semiárido brasileiro**. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Etnobiologia e Conservação da Natureza) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

SANTOS, Cristiano Antônio dos. Relato de experiência: vencendo preconceitos, ocupando espaços, educação e cultura. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**, Palmeira dos Índios, v. 1, n. 2, p. 97-107, 2022. Disponível em: <https://share.google/7to2vJ95vTJr3ERjV>. Acesso em: 8 set. 2025.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniais**: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2018.

ENTREVISTAS

BARROS, Aurivan (Cacique Neguinho Truká). Truká: A Força da Resistência na Caatinga Grande. Depoimento cedido a: Flávio Freire. Casa do entrevistado, 20 setembro de 2025.

BARROS, Gabriel. Truká: A Força da Resistência na Caatinga Grande. Depoimento cedido a: Flavio Emanuel Inocência Freire. Bica, 28 de outubro de 2025.

FREIRE, Margarida. Truká: A Força da Resistência na Caatinga Grande. Depoimento cedido a: Flavio Emanuel Inocência Freire. Casa da entrevistada, 5 de novembro de 2025.

PAJEÚ, Edilene (Pretinha Truká). Truká: A Força da Resistência na Caatinga Grande. Depoimento cedido a: Flavio Emanuel Inocência Freire. Escola Indígena, 29 de outubro de 2025.

VIEIRA, Tauan. Truká: A Força da Resistência na Caatinga Grande. Depoimento cedido a: Flavio Emanuel Inocencia Freire. Bica, 28 de outubro 2025.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Margarida Fieiro ^{santana}, após a leitura desse documento e ter tido a oportunidade de conversar com o estudante pesquisador graduando em Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia, acredito que estou suficientemente informado, sobre o trabalho que ele está pesquisando, cujo tema provisório é Retomada e Resistência: A Reconstrução Identitária do Povo Truká na Aldeia Caatinga Grande ficando claro que a minha participação é voluntária. AUTORIZO o uso do áudio e imagens dessa entrevista para fins de pesquisa e produção jornalística. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados dessa pesquisa, e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos. Consisto em participar desta entrevista e declaro ter recebido cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Atenciosamente

Margarida Fieiro ^{santana}

Participante

Fabio Fieiro

Estudante pesquisadora

Fabio P. da Silva


Professora Orientadora

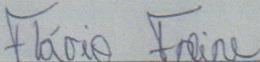
Local e data

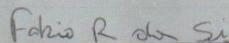
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Flávia da S. Barros, após a leitura desse documento e ter tido a oportunidade de conversar com o estudante pesquisador graduando em Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, acredito que estou suficientemente informado, sobre o trabalho que ele está pesquisando, cujo tema provisório é Retomada e Resistência: A Reconstrução Identitária do Povo Truká na Aldeia Caatinga Grande ficando claro que a minha participação é voluntária. AUTORIZO o uso do áudio e imagens dessa entrevista para fins de pesquisa e produção jornalística. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados dessa pesquisa, e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos. Consisto em participar desta entrevista e declaro ter recebido cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Atenciosamente



Participante

Estudante pesquisadora

Professora Orientadora_____
Local e data

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Edilene Bezerra Peixe, após a leitura desse documento e ter tido a oportunidade de conversar com o estudante pesquisador graduando em Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, acredito que estou suficientemente informado, sobre o trabalho que ele está pesquisando, cujo tema provisório é Retomada e Resistência: A Reconstrução Identitária do Povo Truká na Aldeia Caatinga Grande ficando claro que a minha participação é voluntária. AUTORIZO o uso do áudio e imagens dessa entrevista para fins de pesquisa e produção jornalística. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados dessa pesquisa, e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos. Consisto em participar desta entrevista e declaro ter recebido cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Atenciosamente

Edilene Bezerra Peixe
Participante

Flávio Freire
Estudante pesquisadora

Fabio R. da S.
Professora Orientadora

Local e data

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Gabriel Barros, após a leitura desse documento e ter tido a oportunidade de conversar com o estudante pesquisador graduando em Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, acredito que estou suficientemente informado, sobre o trabalho que ele está pesquisando, cujo tema provisório é Retomada e Resistência: A Reconstrução Identitária do Povo Truká na Aldeia Caatinga Grande ficando claro que a minha participação é voluntária. AUTORIZO o uso do áudio e imagens dessa entrevista para fins de pesquisa e produção jornalística. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados dessa pesquisa, e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos. Consisto em participar desta entrevista e declaro ter recebido cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Atenciosamente

Gabriel da Silva W. Barros

Participante

Flávia Freire

Estudante pesquisadora

Fátima R. da S.

Professora Orientadora

Local e data

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Tauim dos Santos Veiros após a leitura desse documento e ter tido a oportunidade de conversar com o estudante pesquisador graduando em Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, acredito que estou suficientemente informado, sobre o trabalho que ele está pesquisando, cujo tema provisório é Retomada e Resistência: A Reconstrução Identitária do Povo Truká na Aldeia Caatinga Grande ficando claro que a minha participação é voluntária. AUTORIZO o uso do áudio e imagens dessa entrevista para fins de pesquisa e produção jornalística. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados dessa pesquisa, e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos. Consisto em participar desta entrevista e declaro ter recebido cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Atenciosamente

Tauim dos Santos Veiros

Participante

Flávia Freire

Estudante pesquisadora

Fóbia R. de Sa

Professora Orientadora

Local e data

APÊNDICES

ROTEIRO

1. Qual o seu nome completo e a sua idade?
2. Fale um pouco sobre o seu dia a dia na Aldeia.
3. Como começou o movimento de retomada da Aldeia Caatinga Grande?
4. Quem foram as primeiras pessoas a tomar a iniciativa de voltar para o território?
5. Qual foi o momento mais difícil enfrentado pela comunidade durante a retomada?
6. Você pode contar um episódio marcante que simbolize a resistência dos Truká?
7. O que mudou na sua vida depois de voltar para a terra ancestral?
8. Como foi a reação dos vizinhos, fazendeiros ou autoridades diante da retomada?
9. Quais estratégias o povo Truká usou para se manter firme mesmo diante de pressões externas?
10. De que forma o toré, os cantos e os rituais ajudam na força da comunidade?
11. Como vocês explicam para os mais jovens a importância da terra para o povo Truká?
12. Houve ameaças ou conflitos diretos durante o processo de retomada?
Como vocês lidaram com eles?
13. Qual é o papel das mulheres e dos jovens na luta pela retomada?
14. Como vocês se relacionam hoje com os órgãos do Estado em relação ao reconhecimento da terra?
15. Como você define a nação ou povo Truká?
16. Você sente que a sociedade ainda não compreende o que significa ser Truká? Por quê?

17. O que você espera que as próximas gerações aprendam com essa luta?



